

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA

**MUSEUS E IDENTIDADE: ESTUDO DE CASO DA SALA MEXICA
DO MUSEU NACIONAL DE ANTROPOLOGIA DO MÉXICO**

Tatiana de Fátima da Costa Mansueto Eugenio

Ouro Preto, MG
Setembro de 2013

TATIANA DE FÁTIMA DA COSTA MANSUETO EUGENIO

**Museus e Identidade: estudo de caso da Sala Mexica do Museu Nacional
de Antropologia do México**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia),
apresentado ao Colegiado do Curso de Museologia do
Departamento de Museologia da Universidade
Federal de Ouro Preto como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciane Monteiro Oliveira

Linha de Pesquisa: Arqueologia/Antropologia

Ouro Preto, MG

Setembro de 2013



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Tatiana de Fátima da Costa Mansueto Eugenio

Museus e Identidade: estudo de caso da Sala Mexica do Museu Nacional de Antropologia do México

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovada em 06 de setembro de 2024.

Membros da banca

Prof^ª. Dr^ª. Luciane Monteiro Oliveira - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula de Paula Loures de Oliveira - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Verlan Valle Gaspar Neto - Universidade Federal do Rio de Janeiro

O Prof. Dr. Gilson Antônio Nunes, Presidente do Colegiado de Curso de Museologia, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 28/11/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Gilson Antonio Nunes, COORDENADOR(A) DE CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**, em 28/11/2024, às 17:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0818716** e o código CRC **938674B9**.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são muitos.

Agradeço à minha amada mãe, que me fez chegar até aqui, com muita luta, passando por cima de várias coisas e sendo mãe solteira: Mãe, você é o meu orgulho e minha felicidade.

Agradeço especialmente à professora Luciane Monteiro de Oliveira, pela orientação, pelos puxões de orelha, pelos conselhos e pelas conversas e também à professora Ana Paula Loures de Oliveira pelo tempo disponibilizado, tempo esse mais que valioso, para a avaliação desse trabalho.

Agradeço à Rosa Wood, e à Rosemary Gomes, pela paciência que tiveram comigo nessa etapa e também pelos conselhos. Obrigada por me levar para o muro das lamentações Rosa, saí de lá com muitas coisas para pensar e metas a atingir.

Agradeço àqueles que direta ou indiretamente me ajudaram na elaboração desse trabalho. Aos amigos pelo apoio, mesmo me chamando e muitas vezes, me convencendo, para sair nas horas mais impróprias. Gehh, Índia, Carmen, Ed, Qjo, Gardis, Gustavo Campioto, Umpa-Lumpa, obrigada por deixar essa etapa tão difícil da vida mais suave.

Ofereço esse trabalho à memória do grande José Arnaldo Aguiar, obrigada pelas conversas, pelas risadas, pelos apertões de bochecha e pelos cafés, sejam aqueles em que me tirava do trabalho no IPHAN, ou os que tomávamos antes das aulas. Obrigada GRANDE MESTRE.

Obrigada pessoas...

Todo vazio é grávido desse benevolente risco todo presente é guarnecido do estado potencial de futuro...(Elisa Lucinda)

...e lembre dos velhos cães que brigavam tão bem:

Hemingway, Céline, Dostoiévski, Hamsun.se você pensa que eles não ficaram loucos em quartos apertados, assim como este em que agora você está sem mulheres sem comida sem esperança então você não está pronto.

beba mais cerveja. há tempo. E se não há está tudo certo também. (Charles Bukowski)

“Podemos não ser sempre vencedores. Mas não somos preguiçosos. Arriscamos, corremos atrás, fazemos nossos cercos. E às vezes, sim, nós fracassamos. Mas, às vezes, conseguimos uma bela vitória”. (Shonda Rhimes)

RESUMO

EUGENIO, Tatiana F.C.M. *Museus e Identidade: estudo de caso da Sala Mexica do Museu Nacional de Antropologia do México*. 51 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Museologia). Universidade Federal de Ouro Preto: Ouro Preto, 2013.

Nessa monografia apresentamos a relação Museu e Identidade cultural tomando como estudo de caso a expografia da Sala Mexica, do Museu Nacional de Antropologia do México (MNAM). Assim, traçamos uma contextualização histórica dos povos astecas e suas divindades que estão expostas na Sala Mexica e seus recursos expográficos enquanto fator de comunicação que incita o reconhecimento e a identificação ancestral pela sociedade mexicana com base na Museologia Social em que a relação Museu e Identidade cultural nos processos de comunicação expográfica se concretizam. Partimos do princípio de que o MNAM trabalha a identidade cultural de modo que o povo se reconheça, não só nos objetos trabalhados por seus ancestrais, mas principalmente, nos conceitos e ideologias propagadas na comunicação expográfica. O arcabouço teórico e metodológico é da Museologia Social aplicada no contexto mexicano, em que a construção e aprofundamento do perfil museológico do museu comunitário ocorreu a partir da realização de uma análise crítica do desenvolvimento histórico dos museus do México e da formação social mexicana, além de promover um processo de autogestão e de educação popular, promovido pelos museus comunitários, impulsionando a comunidade em seu caráter de sujeito histórico para resgatar, preservar e difundir seu patrimônio cultural. Desse modo, a Museologia Social Mexicana possui uma concepção museológica que parte da identidade étnica e cultural da comunidade, reafirmando e coadjuvando no desenvolvimento da diversidade da nação mexicana.

Palavras-chave: *Museologia; Identidade Cultural; Astecas; México*.

ABSTRACT

EUGENIO, Tatiana F.C.M. *Museums and Identity: a case study of the Mexica Hall of the National Museum of Anthropology Mexico*. 51 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Museologia). Universidade Federal de Ouro Preto: Ouro Preto, 2013.

This monograph we present the relation Museum and Cultural Identity taking as a case study of the expography Mexica Hall, National Museum of Anthropology Mexico (MNAM). Thus, we draw a historical contextualization of the Aztec people and their deities are exhibited in the Sala Mexica expográficos and its resources as a factor of communication that encourages recognition and identification by ancient Mexican society based on Social Museology in which the ratio Museum and Cultural Identity in communication processes expographic materialize. We assume that the works MNAM cultural identity so that people would recognize, not only the objects worked by their ancestors, but mostly, the concepts and ideologies propagated in communication expographic. The theoretical and methodological framework of the Social Museology is applied in the Mexican context, in which the construction and deepening of the profile of the museum community museum occurred from conducting a critical analysis of the historical development of museums in Mexico and Mexican social formation, and promote a process of self-management and popular education promoted by community museums, boosting the community in its character of a historical subject to rescue, preserve and disseminate cultural heritage. Thus, the Mexican Social Museology has a design museum that part of the ethnic and cultural identity of the community, reaffirming and by assisting in the development of the diversity of the Mexican nation.

Keywords: *Museology; Cultural Identity; Astecas; Mexico.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	14
A MUSEOLOGIA SOCIAL	14
1.1. Definição de Museologia Social	14
1.2. A museologia social no México	15
CAPÍTULO II	19
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA SOCIEDADE ASTECA	19
2.1. Período Formativo da Sociedade Asteca	19
2.2. Os primórdios da dinastia	23
2.3. O Império Asteca em 1519	24
2.4. Organização sócio espacial em províncias	25
2.5. A Chegada e Colonização Espanhola	28
CAPÍTULO III	33
A HERANÇA ASTECA PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MEXICANA	33
3.1. Memória e Identidade do povo mexicano	33
3.2. Museu Nacional de Antropologia do México como Espaço de Memória	40
3.3. A Sala Mexica e a comunicação expográfica	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

O Museu Nacional de Antropologia do México (MNAM) resultou de um processo secular de evolução social, econômica e cultural do povo mexicano (ROMANO, 1970). A ideia do museu nasceu da necessidade de exibir, de maneira clara e objetiva, os fundamentos da civilização mexicana. Ele cumpriria a missão de ilustrar as culturas dos vários povos responsáveis pelo progresso deixado pela civilização pré-hispânica (ROMANO, 1970).

A concepção e organização do museu remetem à conquista espanhola (1519-1521), tendo em vista que na época, ávidos por dominar e explorar os nativos, os colonizadores começaram a recolher documentos que os ajudariam a compreender a vida dos conquistados. Esses documentos constituem um acervo de significativa importância, uma vez que se começou uma série de estudos – embora primários – que podem ser chamados de antropológicos, conforme afirma Romano:

Lorenzo Boturini, italiano que chegou ao México em 1736, foi o primeiro erudito a colecionar documentos para estudo e pesquisa, com o objetivo de escrever a história dos povos americanos, porém, mal compreendido em suas ações, todos os manuscritos e códices que transcrevera, foram levados para a Pontifícia Universidade Real, por ordem do vice-rei Don Antonio Bucareli, instituição essa, que guardou a maioria dos artefatos arqueológicos encontrados, tornando-se fonte de objetos para o MNAM e para outros museus. (ROMANO, 1970:10).

O descobrimento casual em 1790 de três monolitos (A Pedra do Sol, Coatlicue e o Monumento das Vitorias de Tizoc) encontrados durante a pavimentação da Plaza Mayor da Cidade do México, foi o estopim para que o governo começasse a se preocupar com a salvaguarda dos objetos antropológicos e arqueológicos mexicanos (Saraiva e Carvalho, 2008).

Ao contrário do que acontecia antes com outros vestígios, esses monumentos foram preservados: A Pedra do Sol foi colocada na parede oeste da Catedral Metropolitana da Cidade do México, então em construção e a representação de Coatlicue – divindade da vida e da morte na mitologia asteca – e o Monumento das Vitorias de Tizoc, foram levados para a Pontifícia Universidade Real. Esse é o começo do Museu, que se tornou oficial em 1823, com a organização, pelo historiador e líder político Don Lucas Alamán, do Museu de Antiguidades e História Natural. Dois anos depois, em 1º de março de 1825, com a aprovação do primeiro presidente constitucional do México, Don Guadalupe Victoria, é criado legalmente o Museu Nacional (BERNAL, 1979).

Nesse momento, as coleções incluíam um riquíssimo material da época pré-hispânica e numerosas peças de história natural. Logo, o espaço da Universidade se tornou insuficiente, devido ao crescimento das coleções. Em 4 de dezembro de 1865, o Arquiduque Maximiliano baixou um decreto transformando a Casa de La Moneda na nova sede do Museu Nacional (ROMANO, 1970).

A organização e disposição do acervo foram alteradas em 1947, sendo possível afirmar, depois dessa remodelação, que o México tornou-se um dos centros da Museologia. Antes, as salas não seguiam critérios lógicos na disposição do abundante material. Fez-se uma seleção das peças mais características de cada cultura, local arqueológico e área geográfica; e os objetos remanescentes foram colocados em reservas técnicas. Renovando o sistema de iluminação e atualizando prateleiras e estantes, o museu reanimou o interesse do público pelo rico legado cultural do passado. Mas ainda assim, havia muito a desejar. E a maior questão era: o próprio edifício não foi concebido para ser museu e estava localizado no ruidoso e poluído centro da cidade (ROMANO, 1970).

Essas considerações práticas, além dos problemas culturais, levou os membros do governo, antropólogos, artistas, literatos, professores e humanistas, a promoverem a criação de um novo museu. O projeto do novo edifício foi longamente estudado, e escolhido como arquiteto responsável Pedro Ramirez Vasquez, um dos mais famosos arquitetos do México. Depois de aprovada e autorizada a construção, elegeu-se o Parque Chapultepec, como novo local do Museu, por suas associações históricas (o primeiro lugar do vale mexicano onde os astecas viveram), por ser lugar das tradicionais domingueiras para todas as classes sociais e de fácil comunicação com o resto da cidade. O Museu foi construído entre a Rua La Milla e o Paseo de La Reforma e inaugurado em 1964 (ROMANO, 1970).

Desse modo, objetivamos neste trabalho apresentar a relação Museu e Identidade cultural tomando como estudo de caso a expografia da Sala Mexica, do Museu Nacional de Antropologia do México. Assim, traçamos uma contextualização histórica dos povos astecas e suas divindades que estão expostas na Sala Mexica que será descrita os seus recursos expográficos enquanto fator de comunicação que incita o reconhecimento e a identificação ancestral pela sociedade mexicana e depois discutir com base na Museologia Social a relação Museu e Identidade cultural nos processos de comunicação expográfica.

Com base na Museologia Social mexicana, que nasceu da crítica aos postulados ideológicos e políticos que orientavam as instituições culturais no fim da década de 60, demonstramos que a “Nova Museologia”, no México, se concebe diferentemente da primeira

museologia nacional, que começou quando se iniciou uma tradição cultural – durante a primeira metade do século XIX – que concebeu o MNA sob uma direção ideológica e de recriação simbólica a serviço da nação e que rompeu com as concepções anteriores, de que os museus seriam armazéns de coisas velhas além de concebê-lo como Museu – Templo da nação, segundo Morales Moreno:

A primeira museologia mexicana criou um vínculo entre o museu pátria e o nacionalismo revolucionário – por meio dos museus públicos de história e antropologia, na busca de uma identidade cultural comum. (MORALES MORELO, 1996)

A necessidade da participação social é, nos dias de hoje no México, um princípio básico e inquestionável que acompanha os processos de reforma do Estado e se caracteriza essencialmente por ressaltar seu compromisso explícito com a participação da sociedade como uma via para resolver problemas como: como evitar ou diminuir a distância entre os usuários e os museus, e o que fazer para que estes deixem de ser espaços mortos e se convertam em espaços vivos e atentos a evolução da sociedade e de suas necessidades.

Uma análise rigorosa do que significa e tem sido a participação social nos museus mexicanos, em especial no Museu Nacional de Antropologia do México, podem aportar valiosas reflexões sobre os novos problemas decorrentes da aplicação desse paradigma e contribuiria para a discussão atual sobre os direitos e limites que devem ter a participação dos diferentes agentes que intervêm e/ou deveriam intervir em tudo o que concerne ao patrimônio cultural e, sobretudo à identidade cultural.

Partimos do princípio de que os Museus através da comunicação expográfica são elementos importantes na ativação e provocação de reconhecimento e identidade cultural? Por que o MNAM, por meio da Sala Mexica tem sido considerado como uma das poucas instituições que exercem de fato a participação social, como preconizado pela Museologia Social? E qual a relação do MNAM com a identidade do povo mexicano?

A nossa hipótese é de que o MNAM trabalha a identidade cultural de modo que o povo se reconheça, não só nos objetos trabalhados por seus ancestrais, mas principalmente, nos conceitos e ideologias propagadas na comunicação expográfica.

Para isso, fizemos uma discussão sobre a Museologia Social, tratando de seus conceitos e metodologias de abordagem com a finalidade de situar o MNAM.

Em seguida realizaremos uma pesquisa de caráter histórico sobre a sociedade asteca de modo a contextualizar o objeto de estudo, a Sala Mexica. Essa pesquisa focará em especial

as divindades e a pedra do sol com o objetivo de demonstrar os elementos simbólicos que os objetos possuem e que são usados na comunicação expográfica.

Posteriormente faremos uma reflexão da relação Museu e Identidade, explorando esse último conceito como elemento fundamental na comunicação expográfica e nas políticas patrimoniais.

Por fim faremos uma interpretação da Sala Mexica, de modo a demonstrar como essa relação tem sido estabelecida e apontar as possibilidades de atuação dos Museus enquanto agentes sociais.

CAPÍTULO I

A MUSEOLOGIA SOCIAL

1.1. Definição de Museologia Social

O conceito de museologia social traduz parte do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.

No século XX a maioria dos museus do mundo mantinha o mesmo modelo daqueles que foram criados no princípio do século XIX, que tinham como objetivo fundamental conservar os objetos das várias épocas da história da humanidade, e como resultado transmitir aquilo que a elite considerava cultura durante os séculos.

A nível internacional, essa situação abriu uma grande discussão em torno do caráter, definição e objetivos da instituição Museal. Nesta discussão, os especialistas concordaram que as novas perspectivas da função do museu, enquanto instituição com funções sociais abriria uma situação crítica cuja origem se originava dos problemas de adaptação de uma entidade de caráter tradicional às necessidades de evolução próprias das sociedades em movimento.

Frente a essa situação crítica do mundo, nos anos 60 levantou-se uma discussão em torno dos quatro eixos fundamentais: 1) A projeção pedagógica do museu 2) A vinculação do museu com seu entorno sociocultural 3) As tentativas de demarcação com o museu tradicional e 4) A intensificação das relações que devem existir entre o público e o museu.

A partir dessa discussão, fortes polémicas regionais apareceram, nas quais se levantou abertamente a crise pela qual atravessavam os museus e se buscaram novas soluções. Em várias partes do mundo começou-se a experimentar alternativas novas para cumprir com a função social para a qual deve servir o museu. No caso dos países europeus, depois da conferência do ICOM em 1971, Henry Rivière e Hugues de Varine elaboraram a proposta de ecomuseus que começou na França e que foi experimentada em outros países do continente europeu.

O Museus é uma instituição à serviço da sociedade da qual é parte integrante e que possui em si, os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades a agir, situando a sua atividade no quadro histórico que permite esclarecer os problemas atuais. (Declaração de Santiago 1972, ICOM/UNESCO)

No caso da América Latina, como uma proposta da UNESCO e do ICOM, realizou-se em 1972, a Mesa Redonda de Santiago, no Chile. Pela primeira vez se falava de fazer uma Nova Museologia e se levanta, por parte dos especialistas, o conceito de museu integral como uma instituição que se incorpora ao desenvolvimento da sociedade contemporânea para cumprir com as funções de investigação, exibição e difusão do patrimônio cultural. Enfatizou-se a necessidade do trabalho interdisciplinar, ressaltando a relação do museu com o meio ambiente e impeliu-se a busca e aplicação de metodologias que procuraram o real cumprimento da função social do museu.

El objetivo de la nueva museología es terminar con todo modelo anticuado e decadente es decir con el anquilosamiento de modelos que han dado como resultado: museos muertos e inactivos pugnando también por dinamizarlos y que cumplan con ser recintos activos al servicio de la sociedad. (LOMBARDO, GONZÁLEZ, 1989)

1.2. A Museologia Social no México

No século XIX, a maior parte dos museus mexicanos e latino-americanos seguiam conceitos da museologia europeia. Se mistura história, antropologia e biologia. Desde então, o desenvolvimento histórico da instituição museal foi extremamente vinculado às políticas de Educação Pública. Assim, “os museus expressaram desde seu nascimento a cultura dominante da época e o discurso histórico foi fundamental para construir a nação mexicana, sob a ideologia do liberalismo da época.” (Rodriguez R. 1986).

Nos anos que antecederam a Revolução Mexicana, amadureceu-se a ideia e se começou-se a separar as coleções, em um lado as ciências biológicas e em outro as ciências antropológicas e históricas. Durante a Revolução, houve uma grande paralisação das atividades de investigação de campo em torno dos museus. Na época pós revolucionária, surge como preocupação primordial o ensino da história nacional com o ideal de incorporar os indígenas, ao chamado: progresso.

Nos anos quarenta, se inaugura o Museu Nacional de Historia, em Castillo de Chapultepec, no qual se condessava todo o discurso oficial da historia mexicana, homenageando o passado, servindo, então, como elemento de união entre a corrente nacionalista e indígena. Com este museu culmina um importante período na museologia mexicana, que vai ter início novamente na década de sessenta com a criação do Museu

Nacional de Antropologia, que é considerado por muitos, como um monumento capital no movimento museístico da América Latina.

Nos anos 70, foi criado, através do INAH (Instituto Nacional de Antropologia e História), o projeto experimental “La Casa del Museo” com o propósito de colocar em prática a concepção do museu integral e servir como um meio educativo para a sociedade, pois tinha como cerne integrar o museu à vida cotidiana da comunidade. Este projeto da nova museologia desenvolveu-se durante sete anos em três colônias periféricas do Distrito Federal mexicano, sob a direção do museógrafo Mario Vázquez R.

O trabalho da ‘Casa del Museo’ nesses anos converteu-se na vanguarda da nova museologia no México, criando uma instância educativa, de comunicação e a serviço da comunidade. Esse projeto coletou experiências nas diferentes zonas do Distrito Federal com o objetivo de detectar as causas pelas quais a maioria da população não visitava o museu e desenvolver novas técnicas museológicas que romperam com as estruturas rígidas do museu tradicional.

O INAH, em 1983, criou o Departamento de Serviços Educativos Museus Escolares e Comunitários (DESEMEC), e dentro desse departamento, surgiu o PRODEFEM (Programa para o Desenvolvimento da Função Educativa dos Museus). Criado em meados de 1983, como uma iniciativa da Direção Geral do INAH, tinha o objetivo de reunir as experiências e projetos educativos realizados dentro dos museus e também para impulsionar a criação de museus autogeridos como uma alternativa propondo a participação consciente e ativa da população no resgate e conservação do patrimônio cultural, o que era obtido por meio de métodos de promoção nacional aplicados por promotores dos museus, devidamente capacitados que sensibilizavam a população e a organizavam em grupos para que participassem da formação do museu comunitário.

Os principais fundamentos distinguidos na concepção museológica mexicana são:

A construção e aprofundamento do perfil museológico do museu comunitário a partir da realização de uma análise crítica do desenvolvimento histórico dos museus do México e da formação social mexicana;

Promoção de um processo de autogestão e de educação popular, promovido pelos museus comunitários, impulsionando a comunidade em seu caráter de sujeito histórico para resgatar, preservar e difundir seu patrimônio cultural.

Uma concepção museológica que parte da identidade étnica e cultural da comunidade, reafirmando e coadjuvando no desenvolvimento da diversidade da nação mexicana.

O objetivo fundamental do museu comunitário é a preservação e o resgate do patrimônio cultural, que pode ser entendido como o conjunto de bens materiais, naturais e espirituais que uma população ou grupo social representados por seus edifícios, lugares, objetos históricos, suas manifestações artísticas, festividades tradicionais, conhecimentos e técnicas de saber popular, suas formas de organização social tradicional, sua cultura oral, sua tradição oral e seu entorno ecológico.

A instituição museu em sua condição de educador social deve ter um papel ativo e dinâmico se deseja contribuir com o desenvolvimento da comunidade. Deverá imergir em uma estratégia de longo prazo que promova a mobilização e a participação consciente de setores cada vez maiores da sociedade civil, que em uma perspectiva de desenvolvimento social diferente, sejam eles os atores legítimos do resgate, preservação e difusão do seu patrimônio cultural. Alcançar esse objetivo, requer, necessariamente, compreender e impulsionar uma nova relação entre museu e sociedade, que permita reverter as concepções e práticas culturais que historicamente predominam a orientação e os serviços dos museus que impulsionam uma visão etnocentrista que deforma e oculta a diversidade cultural e regional do país. Requer também, promover uma nova educação não formal que propicie a autogestão social das populações e da sociedade civil.

Na experiência mexicana, o museu comunitário requereu a formação de um processo grupal no interior da comunidade, que deriva na construção de um grupo de trabalho como o eixo principal de participação da população na formação de um museu. Este processo gera em seu desenvolvimento cultural um processo de ensinamento e aprendizagem dentro de um grupo de trabalho. Se levarmos em conta que o museu comunitário, em sua concepção metodológica, pretende devolver à comunidade seu papel de sujeito histórico através de um processo de autogestão, perceberemos que suas ações educativas estão inscritas no marco de uma educação popular.

A ação educativa do museu deve combater o individualismo próprio do sistema pelo desenvolvimento de uma consciência educativa, trabalho grupal e espírito comunitário. A educação popular se materializa a partir do que se gera na formação e operação do museu, uma apropriação coletiva de saber e uma produção coletiva de conhecimentos que está diretamente ligado ao direito que assiste às populações e as minorias étnicas sobre sua

produção, cultura e história. Ou seja, é criado um fecho educativo que articula a teoria com a prática e que deriva de um processo investigativo, dialógico.

CAPÍTULO II

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA SOCIEDADE ASTECA

Os Astecas ou Mexicanos dominavam a maior parte da mesoamérica quando houve o contato com os espanhóis. Era considerado o povo mais civilizado e poderoso da América Pré-colombiana.

Porém não foi sempre assim, no início foram por muito tempo considerados semibárbaros, pobres e sem terra. Permaneceram por muito tempo à margem das civilizações do planalto central. Segundo a história desse povo eles viviam em Aztlán a noroeste do México.

2.1. Período Formativo da Sociedade Asteca

As crônicas nativas qualificam-nos como azteca chichimeca, “bárbaros de Aztlán”. Em outras palavras, eles partilham ainda do modo de vida das tribos guerreiras, nômades e caçadores conhecidas pelo nome de Chichimecas (bárbaros), que mantinham sua subsistência graças à caça e à coleta nas zonas áridas e nas montanhas. (SOUSTELLE, 1993 p. 10)

Tempos depois (em 1168), os Astecas começam uma longa jornada rumo ao vale do México aonde chegaria aproximadamente um século depois. A caminho do vale do México este povo entrou em contato com outros povos, que se deslocavam para o sul, ora guerreando ora pacificamente. No entanto, não se tratava de uma migração contínua, por várias vezes eles se fixaram em determinadas regiões chegando a permanecer durante anos.

Quase nada se sabe sobre a organização da tribo em marcha. Os manuscritos históricos indígenas retratam-na guiada pelos sacerdotes, chamados "carregadores de deus". Eles conduziam sobre os ombros a efígie do deus tribal, Uitzilopochtli, divindade solar representada por um colibri. Esses sacerdotes constituíam então o "governo" da tribo: acreditava-se que Uitzilopochtli falasse com eles, que por sua vez transmitiam as ordens do deus. A tribo estava dividida em clãs. Certamente, um conselho de anciãos, chefes de clãs e chefes de família reunia-se para debater as decisões importantes, podendo-se, portanto, afirmar que o regime asteca era então uma teocracia superposta à democracia tribal tradicional”. (SOUSTELLE, 2002)

Ainda quando os Astecas encontrava-se dirigindo lentamente para o México Central, desenvolvia-se nessa região um processo cultural surpreendente, em virtude de as tribos que se fixaram no local, terem adotado uma vida sedentária, desenvolvendo a agricultura, a língua, os

ritos e a forma de governo das cidades toltecas tardias. Últimos a chegar a esse universo, os Astecas passaram por inúmeras atribuições.

“Uitzilopochtli falou ao grande sacerdote Quauhcoatl ("Serpente-Águia"). Revelou-lhe que seu templo e sua cidade deveriam ser construídos "em meio ao bambuzal", sobre uma ilha rochosa na qual se veria "uma águia devorando alegremente uma serpente". Quauhcoatl e os demais sacerdotes puseram-se à procura do sinal prometido pelo oráculo; e viram uma águia pousada sobre uma figueira-do-inferno (*tenochtli*) tendo no bico uma serpente. Lá foi erigida uma simples cabana de bambus, primeiro santuário de Uitzilopochtli e núcleo da futura cidade de Tenochtitlán. (SOUSTELLE, 2002)

Um dos fatores que possibilitou o avanço dos Astecas foi o contato que tiveram com as demais tribos que já se encontravam instaladas no Vale do México.

A consolidação do império Asteca está relacionada com a formação de uma tríplice aliança, ou seja, a tríplice aliança de Tenochtitlán (México), Texcoco e Tlacopan. Rapidamente, o papel militar predominante no interior dessa liga concentrou-se nos Astecas, enquanto Texcoco se transformou na metrópole das artes, da literatura e do direito.

A tríplice aliança tornou-se, com efeito, o império Asteca. Os aliados iniciaram um período de expansão territorial, e a confederação das três cidades tinha um caráter predominantemente militar.

O funcionamento do estado se baseava numa ampla rede burocrática formada por funcionários profissionais, tais como sacerdotes, inspetores do comércio e coletores de impostos. Os Astecas organizavam-se em torno do pagamento de tributos.

Todas as cidades deveriam renunciar qualquer política externa e militar independente e estavam obrigadas a aceitar que nelas se celebrasse o culto da divindade asteca Uitzilopochtli.

A civilização Asteca se baseou do ponto de vista econômico, na agricultura e no comércio. Como os demais indígenas agricultores, os Astecas ao se tornarem sedentários, alimentavam-se de milho, feijão, abóbora e outros, produtos cultivados graças às condições climáticas favoráveis ao cultivo desses produtos da zona temperada. Com uma população relativamente grande no Vale do México, fez com que os Astecas conquistassem outras tribos como também comercializassem com povos vizinhos.

Quando chegaram ao vale do México, os Astecas era uma sociedade homogênea e igualitária, essencialmente guerreira, seus membros reconheciam somente a autoridade dos Tributos e da contribuição militar por parte das tribos submetidas, em sua maioria, todas as cidades que se encontravam sob o domínio Asteca.

Pagavam tributos de uma a quatro vezes por ano a depender do tipo de mercadoria que esta fornecia. Para o controle desses tributos, existiam funcionários imperiais que cuidavam da arrecadação e do transporte, sendo assistidos por escribas que cuidavam do registro desses tributos.

Entre o fim do século XIII e o início do século XIV, produziu-se uma profunda mutação sob o duplo efeito da influência cultural e política exercida sobre os astecas pelos povos vizinhos e também das próprias conquistas destes últimos.

Da mesma forma que Tenochtitlán, que de aldeia tribal se havia transformado em uma sociedade hierarquizada, regida por estruturas complexas e ordenada por um Estado dispondo de um aparelho administrativo e judiciário. O nível de vida das diversas categorias populacionais e sua respectiva posição no interior da sociedade diferiam amplamente entre si. (SOUSTELLE, 1993 p. 30)

A base da sociedade Asteca era a família de caráter patriarcal e geralmente monogâmica. Um grupo de famílias compunha o calpulli que se tratava de uma unidade social complexa que se encarregava de diversas funções como a organização de trabalhos, cultos religiosos e outros. Acima dos calpulli estava a estrutura estatal centrada no monarca.

Os Astecas tinham a reputação de serem os indígenas mais religiosos do México. Do seu passado os Astecas conservaram suas divindades astrais que foi enriquecida através dos contatos que tiveram com outros povos ao longo de sua história.

A transmissão da cultura Asteca se dava de forma oral, sobretudo através da educação que se dividia em duas instituições: (telpochcalli) para os plebeus (calmécac) para os nobres. Tratava-se de um sistema de ensino severo e disciplinado, baseando-se principalmente no estudo da história e religião nacional, na formação moral e militar.

Os Astecas foram notáveis arquitetos, construíram nas suas cidades grandes templos, palácios e pirâmides. Desenvolveram técnicas avançadas como a utilização de palanques e rampas para transportar blocos de pedras, construíram maquetes, represas e obras hidráulicas, usavam o sistema de irrigação e rodízio de plantação.

Foram escultores, pintores e ceramistas, faziam tiaras, mantas, trabalhavam com plumas, jóias, etc. Além disso, foram grandes conhecedores da medicina, conheciam cerca de 400 espécies diferentes de remédios de origem vegetal, animal e mineral. Fabricavam o papel com a casca da figueira brava, e não conhecia o alfabeto, sua escrita era através de desenhos e símbolos.

Uma das características que mais marcavam a sociedade Asteca era a divisão em castas. A nobreza era formada por membros da família real, os chefes dos calpulli, os chefes militares e algum plebeu que tivesse realizado algum serviço de mérito ao estado. Os macehualtin (plebeus) eram os lavradores, comerciantes, artesãos que constituíam o grosso da população. Os mayeque (servos) trabalhavam nas terras do estado e da nobreza. Havia também os escravos que além de serem usados como força de trabalho, era também utilizados para sacrifícios.

À medida que se expandia seu império foram anexados avidamente deuses e ritos de outras tribos. A civilização asteca era politeísta, acreditava em deuses vingativos, cuja ira só poderia ser aplacada por meio de sacrifícios humanos normalmente de crianças e prisioneiros de guerra.

Os astecas também tinham conhecimento de Astronomia e da Matemática, chegaram a elaborar um calendário que dividia o ano em 365 dias. Eles desconheciam o ferro, a roda, os animais de carga e o arado, mas haviam desenvolvido a arte da tecelagem.

Com certeza os Astecas foram, dentre as civilizações pré-colombianas, os que deixaram mais traços de sua organização social, política, religiosa e econômica. Do seu apogeu, ainda hoje vislumbramos através das ruínas de suas grandes construções.

2.2. Os primórdios da dinastia

Antigas pictografias mostram que nessa época os astecas levavam uma vida anfíbia, subsistindo essencialmente graças à pesca e à caça de pássaros aquáticos. Suas aldeias estendiam-se sobre as ilhotas, acumulando lodo em cima de jangadas de bambu, criavam jardins flutuantes, *chinampas*.

Desejosos de evitar dessa vez um desastre como fora o do reino efêmero de Uitzliuitl, os astecas procuraram um soberano da Unha tolteca de Colhuacán: assim, sua dinastia se religaria ao da prestigiosa idade do ouro de Tula. Esse soberano, Acamapichtli ("Punho de Bambu"), foi entronizado em 1375.

Seu sucessor, o segundo Uitziliuitl ("Pluma de Colibri"), desenvolveu uma política de alianças matrimoniais: foi assim que obteve a mão da princesa Miahuaxihuitl ("Flor de Milho Turquesa"), filha de um chefe de Quauhnahuac (Cuernavaca), a fim de poder importar o "indispensável algodão" dessa região tropical. Entrementes, a estrela de Colhuacán empalidecia e a dinastia guerreira de Azcapotzalco ampliava o seu domínio sobre o vale central. O terceiro rei asteca, Chimalpopoca ("Escudo Fumanete"), foi pouco mais que um vassalo de Azcapotzalco e morreu assassinado em 1428, como dez anos antes acontecera ao rei de Texcoco.

Com a morte de Chimalpopoca, a situação da cidade asteca se tornou desesperadora. Tezozomoc, rei de Azcapotzalco, anexara ao seu domínio territórios a leste e a oeste do grande lago. Herdeiro do trono de Texcoco, Netzahualcóyotl foi perseguido pelos guerreiros de Tezozomoc.

Em Tenochtitlán mesmo, um forte "partido da paz" declarava ser impossível qualquer resistência e preconizava a submissão.

Contudo, o quarto soberano asteca, Itzcoatl ("Serpente de Obsidiana"), eleito nessas trágicas circunstâncias, tomou a liderança da desistência. Aliado a Netzahualcóyotl, chegou a rechaçar os assaltos da cidade dominante, e depois levou a guerra até a própria Azcapotzalco, que foi invadida e destruída.

Os dois soberanos vencedores tiveram a sabedoria de tomar como aliada uma cidade pertencente à tribo de Azcapotzalco; Tlacopan. Assim, foi fundada a Tríplice Aliança de Tenochtitlán (México), Texcoco e Tlacopan. Rapidamente, o papel militar predominante no interior dessa liga concentrou-se nos astecas, enquanto Texcoco, sob o sábio governo do rei-poeta Netzahualcóyotl, se transformava em metrópole das artes, da literatura e do direito, A Tríplice Aliança tornou-se, com efeito, o Império Asteca.

2.3. O Império Asteca em 1519

Com a morte de Itzcoatl, em 1440, as três cidades aliadas dominavam o conjunto do vale central. Conforme a cronologia do período imperial, entre o fim do reinado de Itzcoatl e a invasão espanhola, cinco soberanos sucederam-se ao trono do Império.

1440-1469: Motecuhzoma ("Aquele que se Zanga como Senhor") denominado Ilhuicamina ("O Arqueiro que Flecha o Céu") ou Ueue ("O Antigo").

1469-1481; Axayacatl ("Face de Água").

1481-1486: Tizoc ("Aquele que se Sangra", alusão a um rito de auto sacrifício).

1486-1503: Auitzotl ("Monstro Aquático").

1503-1520: Motecuhzoma II, chamado Xocoyotzin ("O Honorável mais Jovem").

Com exceção de Tizoc, que foi envenenado após cinco anos de reinado, todos esses soberanos permaneceram longo tempo no poder e sem cessar governaram tentando estender a hegemonia da Tríplice Aliança a novos territórios e reforçar o poder de Tenochtitlán.

Com a morte de Netzahualcóyotl em 1472, foi eliminado o principal obstáculo a escalada rumo à hegemonia, o imperador Tlatoani, chefe militar supremo, tornou-se o único soberano verdadeiro, determinando à sua vontade a sucessão no seio da dinastia e tratando o rei de Tlacopan não mais como um aliado, mas como um vassalo.

As conquistas, antes empreendidas igualmente por Tenochtitlán e Texcoco e depois pelos contingentes das três cidade sob o comando do imperador asteca, estenderam-se ao norte, a oeste, até o litoral, costeando todo o golfo, a sudeste, sobre o planalto e depois através da montanhas mixtecas até os vales zapotecas; ao sul, chegando ao Pacífico e a oeste através do planalto de Toluca até as fronteiras de Michoacán.

Motecuhzoma I empreendeu com sucesso a conquista das províncias tropicais (Quauhnahuac). Axayacatl consolidou a supremacia de Tenochtitlán, anexando a vizinha cidade insular de Tlatelolco, às margens do lago. Ele dirigiu para oeste o seu esforço principal, isto é, a conquista de Toluca e Xocotitlán, mas sofreu uma série de reveses em Taximaroa, frente ao reino tarasca de Michoacán. Auitzotl estendeu o Império para o norte e para o sul, de Xiuhcoac até Oaxaca e Xoconochco.

As listas de conquistas de cada reinado com frequência reproduzem hieróglifos das mesmas cidades, o que faz supor que algumas dessas conquistas continuassem precárias. A todo momento, deflagravam-se rebeliões, como por exemplo a de Cuetlaxtlan, cujos habitantes, descontentes por terem que pagar impostos, aprisionaram os coletores astecas e os trancaram em uma casa à qual atearam fogo. (Soustelle, 2002)

2.4. Organização sócio espacial em províncias

Quando os espanhóis chegaram em 1519, o Império compunha-se, segundo documentos indígenas, de 38 "províncias", entidades antes econômicas do que políticas, sujeitas ao pagamento de impostos.

Situadas no centro estavam: Citaltepec-Tlalelolco: a nordeste do vale Central (Xaltocan, Zumpango etc.) Petlascalco: ao sul do vale (Tláhuac, Mixquic etc). Essas cidades ou vilas eram diretamente ligadas ao *petlascalcatl*, chefe da arrecadação de impostos, cujos "escritórios" estavam situados no palácio imperial do México.

Já ao Norte, ficavam Oxitipan: posto avançado do Império no rio Pánuco; Xiuhcoac; província huasteca; Xilotepec: velho estado otomi; Axocopan: outra província otomi (Izmiquilpan); Hueypoxtla: ainda outra província otomi (Actopan); Atotonilco: região de Tula. Aí se falava otomi e nahuatl; Xocotitlán: sobre o planalto de Toluca, território otomi e mazahua; Quauhtitlán: província nahuatl anteriormente muito importante; Quahuacan: zona montanhosa e florestal ao norte do atual Distrito Federal (Cuajimalpa, Huixquilucan); população essencialmente otomi; Acolhuacan (Otumba, Teotihuacán, Pachuca): antigo domínio de Texcoco.

Na vertente oriental, localizavam-se: Atlán, "distrito militar" do Império, no nordeste, juntamente com Xiuhcoac; Tochpan (Tuxpan, no atual estado de Veracruz); Tlapacoyan: ao norte do atual estado de Puebla (Zacatlán, Huauchinango, Xochicuautla). Falava-se aí nahuatl e totonaque; Atotonilco (não confundir com a oitava província acima): nessa província situava-se o antiqüíssimo centro tolteca Tulancingo; TlatlahuquiLepec: na fronteira dos atuais estados de Puebla e Veracruz (Teziutlán); Quauhtochco (Huatusco, estado de Veracruz); Cuetlaxllan, província litorânea no golfo; Tochtepec (Tuxtepec, estado de Oaxaca): rica província fronteiriça, em território tropical.

Ao sul e ao sudeste, estavam: Chalco: ao sul dos lagos, antiga cidade que esteve por longo tempo em guerra contra o México; Quauhnhuac (Cuernavaca, estado de Morelos) ; Huaxtepec (Oaxtepec): essa província e a precedente ocupavam o território do atual estado de Morelos, terras tropicais ricas em algodão, frutas e essências raras; Tlalcozautitlán; Quiauhuateopan: essa província e a precedente situavam-se no atual estado de Guerrero; em Olinalá, praticava-se a arte do laqueamento; Toluca: capital atual do estado do México, sobre um planalto de clima frio, povoado por Matlaltzinca, Mazahua e Otomi; Ocuilan: ao sul de

Toluca, em zona montanhosa e coberta de bosques. Falava-se aí um dialeto matlaltzinca; Malinalco; importante centro militar e religioso onde ainda se pode ver o único templo conhecido na América inteiramente entalhado na rocha viva, inclusive a estatuária; Tlachco (Taxco) ; Tepequacuico: no atual estado de Guerrero (Iguala); Cihuatlán: província na fronteira com Michoacán, estendendo-se pela costa do Pacífico até Acapulco.

No território Mixteca-zapoteca: Tepeacac: zona fronteira entre Nahuatl, Mixtecos e Chocho-Popoloca; Yoaltepec: estado mixteca; Tlapan: província fronteira entre o insubmisso território yopi e a senhoria mixteca independente de Tototepec; Tiachquiauco: no estado atual de Oaxaca; Coayxilahuacan: província mixteca, entre a senhoria de Tototepec e a cidade religiosa dos Mazatecos, Teotitlán; Coyolapan: núcleo do antigo território zapoteca, com Monte Albán, Oaxaca, Mitla e Etlá.

Por fim, no Distrito Militar Meridional, Xoconochco: a sudeste do atual estado de Chiapas (Soconusco, Ayutla), em território de língua maia, nas fronteiras da Guatemala.

Entre as províncias de Tuxtepec e Coyolapan, de um lado, e Xoconochco, de outro, mercadores e soldados astecas atravessavam constantemente o istmo de Tehuantepec, sem que saibamos exatamente qual fosse a condição diante do Império dos pequenos estados que eles deviam percorrer.

Esses estados não parecem ter-se sujeitado ao pagamento de tributos, mas sem dúvida lhes concediam o direito de livre passagem, receosos de se indisporerem com os mexicanos. Os territórios por estes dominados não eram, portanto, contínuos. Subsistiam enclaves independentes, como a senhoria nahuatl de Metztlán, ao norte; o território yopi e a senhoria mixteca de Tototepec, ao sul; e o pequeno território mazateca de Teotitlán, na divisa com o território mixteca. Teotitlán mantinha relações amistosas com o México; os demais Estados mencionados, porém, conservavam ferozmente a sua independência.

Havia mesmo, enclavada no coração do Império, sobre o planalto, a república aristocrática e militar de Tlaxcala, inimiga encarniçada do México. Era para os astecas motivo de grave debilidade, como devem ter percebido durante a conquista espanhola. Nas fronteiras, o único poder organizado contra o qual precisava o Império defender-se permanentemente era o reino civilizado de Michoacán, a oeste. A base dessa defesa situava-se na província de Tepequacuico: tropas astecas eram aí mantidas em prontidão, em Quecholtenanco, Totoltepec e sobretudo Oztoman, onde se conservam vestígios de consideráveis fortificações.

Ao norte e a noroeste, as províncias de Xilotepec, Oxitipan e Xiuhcoac constituíam uma barreira contra as incursões das tribos chichimecas, mas não parece ter sido agudo o estado de guerra nessa área. Os otomis de Xilotepec praticavam o comércio de trocas com os bárbaros do atual Querétaro.

A sudeste, os principados independentes do Xicalanco (atual Tabasco) prestavam-se de boa vontade às viagens dos comerciantes astecas, que tinham seus entrepostos em Tuxtepec, enquanto as tribos maias vizinhas de Xoconochco não manifestavam, aparentemente, qualquer hostilidade ativa.

Fosse para montar guarda nas fronteiras, ou para controlar certas regiões importantes ou turbulentas, o México escolheu algumas localidades estrategicamente bem-situadas afim de instalar guarnições permanentes. Tal foi o caso de Atlan e de Tezapotitlan, na serra de Puebla; de Quauhnahuac (Cuernavaca) e de Oaxtepec; de Quauhtochco e de Itzteyocan; de Cuetlaxtlan, de Tuxtepec e de Tepeacac (próximo a Tlaxcala). Havia uma guarnição asteca em Tutotepec, província de Tlapan, para vigiar o território yopi; e muitas no território de Oaxaca, em Coayxtlahuacan, Zozolan e Oaxaca. As tropas mexicanas estacionadas na província de Yoaltepec "alimentavam-se dos perus, cabras, coelhos e milho que os indígenas eram obrigados a doar a Motecuhzoma".

De modo geral, enquanto as cidades e tribos conquistadas conservavam sua forma de governo, suas dinastias locais e seus poderes autônomos, "governadores" astecas eram colocados nas localidades de importância estratégica. Seus títulos (*tlacatecuhtli*, "chefe dos guerreiros"; *tlacochtecuhtli*, "senhor dos dardos" etc.) são nitidamente militares. Encontram-se referências a esses oficiais em Oztoman, Quecholtenanco, Tuxpan, Atlan, Zozolan, Oaxaca e Xoconochco.

Parecem ter frequentemente coexistido dois governadores à testa de uma mesma cidade ou província, um deles provavelmente investido de funções mais administrativas do que militares. Em contrapartida, geralmente as cidades-estado administravam-se a si mesmas. Estavam sujeitas a estatutos bem diferentes, variando desde uma simples aliança até uma estreita submissão, caso tivessem elas aceito relativamente de boa vontade a hegemonia do México, ou, ao contrário, tivessem sido anexadas à força após a luta militar.

As cidades-sedes de guarnições militares não pagavam tributos, mas deviam assumir o encargo da manutenção das tropas. Outras não eram, ao menos teoricamente, sujeitas ao pagamento de impostos, mas se limitavam a enviar ao México "presentes" pretensamente voluntários. Todas as cidades do Império, qualquer que fosse seu estatuto particular,

deveriam renunciar de todo a conduzir qualquer política externa e militar independente, além de aceitar que nelas se celebrasse o culto da divindade asteca Uitzilopochtli

2.5. A Chegada e Colonização Espanhola

A expansão marítima e comercial europeia do século XV foi a retomada do desenvolvimento econômico da última fase da Idade Média, caracterizada pelo renascimento comercial e urbano. Durante a guerra da reconquista, que foi a luta pela expulsão dos árabes da Península Ibérica, formaram-se as monarquias feudais e Castela foi uma delas. A união definitiva dos reinos ibéricos, que formaram a Espanha, deu-se em 1469, com o casamento de Fernando, rei de Aragão, e Isabel, rainha de Castela, os chamados reis católicos.

Em 1498, após quase um século de preparação, uma frota portuguesa, sob o comando de Vasco da Gama, chegou à Índia. As viagens ao oriente proporcionavam lucros altíssimos o que fez o comércio se intensificar sensivelmente. Esse acontecimento provocou uma mudança no eixo do comércio europeu. Antes de Bartolomeu Dias ultrapassar o Cabo Boa Esperança, a rota do comércio se fazia por terra passando por Veneza.

A partir da descoberta do novo caminho para a Índia, os países que têm costas para o Atlântico ficaram em vantagem. O Atlântico tornou-se a mais importante área de comércio do mundo. Portugal, Espanha, Holanda, Inglaterra e França tornaram-se nações privilegiadas.

Lutando para expulsar os muçulmanos da Europa, os espanhóis realizaram a unificação do território da Espanha.

Com a queda de Granada, em 1492, completou-se o processo de expulsão dos árabes e de criação da monarquia. Só então, com quase um século de atraso em comparação a Portugal, os espanhóis começaram a sua participação nas Grandes Navegações. Um mapa do florentino Toscanelli sugeria ao genovês, Colombo, a possibilidade de atingir as Índias pelo Ocidente. Acreditando nessa avaliação, apresentou seu projeto ao rei de Portugal, que lhe negou apoio.

Foi então em busca da Espanha, e após insistentes solicitações, conseguiu o patrocínio de Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Foi então que a expedição partiu rumo ao oeste, sob o comando de Colombo. Após 61 dias de navegação e uma escala nas Canárias, atingiram a ilha de Guanaani (San Salvador) nas Bahamas e, em seguida, Cuba e São

Domingos. Cristóvão Colombo descobrira um novo continente, mas não se apercebera disso; acreditava ter chegado às Índias.

Logo os espanhóis deram início a conquista e a exploração do referido continente, que se mostrou rico em ouro e prata. No ano de 1519, os espanhóis iniciaram a ocupação do continente americano, invadindo o México numa expedição liderada pelo fidalgo espanhol, Fernão Cortez contra os Astecas.

A ocupação espanhola numa primeira etapa estendeu-se somente às ilhas de São Domingos, Porto Rico e Cuba, os primeiros colonizadores desconheciam a existência do México do seu imenso território e suas civilizações. Em 1517, uma expedição Espanhola, liderada por Francisco Hernández de Córdoba, desembarcou na península de Yucatán, onde foi duramente repelida, sendo que dos 110 integrantes da expedição, 57 morreram, inclusive o próprio Francisco. No ano seguinte Juan de Grijalva, comandando quatro navios, descobriu a ilha de Cozumel, custeou o litoral de Yucatán e, em seguida o golfo do México. Assim, pela primeira vez os europeus entraram em contato com províncias do Império Asteca.

A expedição de Cortez em 1519 foi a terceira a explorar a costa mexicana, e este ao saber da existência do Império Asteca inicia uma lenta progressão rumo ao interior. De acordo com o livro “A civilização Asteca” de Soustelle, essa expedição contava com 11 navios que levavam 508 soldados, 16 cavalos e 14 peças de artilharia. Ao mesmo tempo, o império Asteca estendia-se aproximadamente por uma superfície de mais de 200.000 km² e tinha uma população de aproximadamente cinco a seis milhões de habitantes, altamente evoluídos econômico, político e socialmente.

No entanto, diante dos fatos acima citados que nos mostra uma pequena quantidade de exploradores frente a uma grande civilização (considerada a mais brilhante do mundo pré-colombiano), como foi possível essa conquistada, quais fatores teriam possibilitado, em tão pouco espaço de tempo tal conquista, é realizada por uma pequena quantidade de exploradores?

Ao respondermos esse questionamento, veremos que foram muitas as causas que possibilitaram uma conquista espanhola sobre a civilização Asteca. Além da superioridade tecnológica gritante que os Espanhóis possuíam em relação aos Astecas; com cavalos, armas

de fogo e de ferro, contra arcos e flechas e armas de sílex e madeira; também há que se levarem em conta outros fatores, talvez até mais importantes do que as armas em si.

A figura de Montezuma com certeza tem um papel importante nesse contexto. Cortez ao chegar à Cidade do México é bem recebido e após algum tempo decide prender o soberano Asteca e fazê-lo prisioneiro, Montezuma, no entanto, nada faz para evitar essa situação. O que teria provocado tal reação? Montezuma tinha um comportamento ambíguo, e esse comportamento talvez tivesse, além dos motivos culturais razões pessoais.

Sabemos graças aos textos da época, que os índios dedicavam grande parte do seu tempo e forças à interpretação das mensagens, e que essa interpretação tem formas extremamente elaboradas, relacionadas às diversas espécies de adivinhação. (TODOROV. 1996 p. 61)

A primeira delas era a adivinhação cíclica. Os Astecas dispunham de um calendário religioso composto de treze meses com duração de vinte dias, sendo que cada dia possuía um caráter propício ou nefasto. Uma segunda forma era a adivinhação, está pontual, que tem forma de presságios e ainda quando estes tardavam existia o adivinho profissional, que recorria por meio de grãos de milho, água e fios de algodão.

Toda a história dos Astecas, tal como é contada em suas crônicas, é feita de realizações de profecias anteriores, como se um acontecimento não pudesse ocorrer se não tivesse sido previamente anunciado. Eles acreditavam que todas as previsões do futuro se realizariam. Segundo vários relatos oriundos de populações indígenas, a chegada dos espanhóis é sempre precedida por presságios, e a vitória deles é sempre anunciada como certa.

Quando os mensageiros vêm até Montezuma informá-lo da chegada dos espanhóis, sua interpretação se faz no âmbito de comunicação com o mundo, e não da comunicação com os homens, ou seja, é aos deuses que ele pede conselhos sobre o comportamento que deve ser tomado em relação aos invasores.

Os espanhóis por sua vez, só ouvem os conselhos divinos quando estes coincidem com as sugestões de seus informantes ou com seus próprios interesses, como comprovam os relatos de vários cronistas.

Montezuma sabia colher informações e melhor organizar seus exércitos para a batalha, quando seus inimigos eram as demais tribos existentes no vale do México, com a chegada dos espanhóis, esse sistema de coleta de informações acerca do inimigo tornou-se inútil, isso devido ao fato da identidade dos espanhóis ser diferente e seu comportamento

imprevisível o que abalou todo o sistema de comunicação. Diante disso, Montezuma tornou-se incapaz de produzir mensagens apropriadas e eficazes.

A invasão espanhola caracterizava-se como uma situação nova, desconhecida uma situação onde a arte da improvisação era muito mais importante que o ritual e Cortez, saiu-se muito bem frente a essa situação.

De fato, a maior parte das comunicações dirigidas aos espanhóis impressiona pela ineficácia. Para convencê-los a deixar o país, Montezuma envia-lhes ouro, todas às vezes; mas nada podia convencê-los mais a ficar. (TODOROV. 1996 p. 84)

Ao falarmos Império Asteca, isso nos dá uma impressão de que este constituía um estado homogêneo, no entanto, não era bem assim, o México de então não é esse estado homogêneo e sim um conglomerado de populações subjugadas pelos astecas que ocupavam o topo da pirâmide.

Um fator importante são as brigas internas entre as diversas populações que ocupam o solo mexicano. Ao iniciar sua jornada rumo ao centro desse império, Cortez se depara com várias tribos e ao manter contato com esses índios, percebe que muitas delas estavam submetidas aos Astecas não por vontade própria, mas por terem sido submetidas militarmente.

E estas tribos, por sua vez, viam Cortez como um mal menor muitas vezes como um libertador, pois viam nele a possibilidade de se verem livres do domínio Asteca. Ao longo da campanha Cortez se aproveita dessa situação e acaba comandando um exército de Tlaxcaltecas e outros índios aliados numericamente se comparável aos dos mexicanos, nesse exército os espanhóis são apenas a força de comando.

Uma outra razão foi que os espanhóis e os Astecas não faziam o mesmo tipo de guerra. Pelo menos no início, os astecas conduzem uma guerra submetida à ritualização e ao cerimonial: o tempo, o lugar, são previamente decididos. O combate tinha hora certa para começar e acabar, e seu objetivo maior não era matar o inimigo, mas fazer prisioneiros de guerra, enquanto que os Espanhóis lutavam para matar o maior número de indivíduos, o que é muito mais fácil e rápido do que a captura em massa.

Os Astecas não conhecem e não compreendem a guerra total de assimilação que os espanhóis estão fazendo contra eles; para eles, a guerra deve acabar num tratado, estabelecendo o montante dos tributos que o perdedor deverá pagar ao vencedor. (TODOROV. 1996 p. 89)

O contato com os espanhóis, expuseram os índios a uma série de doenças desconhecidas por eles, dentre essas uma forte epidemia de varíola que dizimou grande parte da população asteca, que por não conhecerem a enfermidade, não conheciam meios para combatê-la.

Um outro fator muito importante na conquista do México, é que ao contrário dos primeiros colonizadores que vinham apenas em busca de riquezas, Cortez foi o primeiro a possuir uma consciência política, e até mesmo histórica de seus atos. Inicialmente sua expedição começa com uma busca de informações, e não de riquezas, sendo que uma das suas primeiras ações é procurar um intérprete.

Cortez compreende relativamente bem o mundo asteca que se descobre diante de seus olhos, certamente melhor do que Montezuma compreende as realidades espanholas. E, contudo, essa compreensão superior não impede os conquistadores de destruir a civilização e a sociedade mexicanas; muito pelo contrário, tem-se a impressão de que é justamente graças a ela que a destruição se torna possível. (TODOROV. 1996 p. 123)

Todos esses fatores, em maior ou menor grau, mas todos juntos, contribuíram para a conquista do Império Asteca, tornando-a possível. Embora um dos fatores que mais se destacou, foi que no contato entre esses dois povos (Europeus e Astecas), o colonizador europeu soube compreender o povo Asteca, enquanto que estes não fizeram o mesmo, e aproveitando dessa situação, foi que se tornou possível tal conquista.

CAPÍTULO III

A HERANÇA ASTECA PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MEXICANA

Neste capítulo apresentamos como a história dos antepassados e as formas de viver influenciaram a sociedade mexicana e, principalmente, na construção de sua identidade. Assim, a memória é revivida no dia a dia do povo e o MNAM é um dos elementos que contribuem para reforçar essa memória e identidade.

3.1. Memória e Identidade do povo mexicano

Pierre Nora, escreveu em seu texto *Entre Memoria e História – A problemática dos lugares*: “ A memória é carregada por grupos vivos, ela é móvel, evolui e é vulnerável”. A história carrega consigo uma conotação científica, ela não é espontânea, já que é construída através de vários processos, fazendo assim necessários os lugares de memória.

No momento em que há uma legitimação desses lugares de memória, a história entra em cena. Ela se diferencia da memória por seu aspecto de operação intelectual, onde se apresenta como uma representação problemática que não existe mais, já a memória possui o seu aspecto vivo.

São os lugares de memória que permitem que haja uma cristalização da memória. Os lugares de memória, segundo Nora, existem porque não há meios de memória. Com isso, esses lugares são escolhidos, elevados, eleitos, para que se reconheçam neles algum significado histórico.

Há diferenças quanto a lugares de memória apropriados por uma elite, ou quando esses lugares de memória surgem do próprio povo. Em alguns casos, aquele que está no poder em um determinado período histórico, procura legitimar esse seu poder, implementando políticas públicas e culturais que possam criar algum sentimento na população. E é nesse ponto, que entram os lugares de memória. Baseando-se em um determinada política cultural, determinados lugares de memória são escolhidos e colocados em evidência.

Esse momento histórico, onde há essa evidência dos lugares de memória, pode ser uma eleição, uma revolução, um momento de crise, ou em algum outro momento onde se necessite buscar na história algum fato importante para aquela nação. Quem está no poder

ou é líder de um movimento em um determinado período, tem em suas mãos mecanismos que auxiliam na escolha desses lugares. Vemos assim, algumas nações elegerem objetos móveis ou imóveis onde, através desses objetos procuram definir ou identificar a identidade de uma nação ou de um grupo específico.

Quando a elite se apropria de uma cultura e ao mesmo tempo, não busca uma preservação dessa cultura, tem-se um problema. Essa elite, apenas se apropria de determinados meios de cultura para perpetuar sua dominação sobre os dominados. Os lugares de memória podem surgir também do próprio povo, como em uma escolha inconsciente, sem precisar que esse lugar seja determinado por uma elite. Ou até a camada mais baixa se apropria de um lugar para exprimir um sentimentalismo de um processo revolucionário de uma época.

Nora explica que esses lugares possuem a capacidade de evocar um passado, que através do que eles apresentam para uma sociedade possuem a capacidade de trazer uma lembrança que garanta uma continuidade de noção de tempo.

Os lugares de memória nascem e vivem de um sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar um arquivo, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, por que essas operações não são naturais[...] Museus, arquivos, cemitérios e coleções. Festa, aniversários, tratados, monumentos, santuários, associações, são marcos testemunhais de uma outra era, das ilusões da eternidade. (NORA, 1993)

No processo de independência do México e em movimentos posteriores ligados à ideia de nação, identidade mexicana e em todos os processos ao longo da história mexicana na tentativa de construção de uma identidade nacional, houve uma inserção da memória indígena, da memória Asteca.

Os próprios astecas, em sua história, se apropriaram, no período de ascensão, como já dito neste trabalho, dos lugares, dos objetos, dos rituais, como locais de vivências, dos povos que subjugaram. Era uma prática comum para eles se apropriarem da cultura dos povos que eram derrotados por eles nas guerras. Vivência no sentido religioso, uma vez que a religião asteca se diferencia da religião monoteísta cristã. Em sua religião, eles acreditavam que “o que importa é o fato de ela ser fundamentalmente universalista e igualitária. Deus não é um nome próprio, é um nome comum.” (TODOROV, 1983),

Portanto, qualquer deus ou prática podia ser incorporado ao panteão dos Deuses Astecas. Foi essa abertura de espírito a causa da queda do império asteca, como dito

anteriormente. Isso demonstra a facilidade Asteca de incorporar cultura dos outros povos por eles conquistados, conseqüentemente, uma incorporação de lugares.

Podemos dizer que o primeiro momento de inserção da cultura asteca na identidade mexicano foi no processo de independência da nação, onde o indígena representou o papel de símbolo da liberdade frente aos trezentos anos de opressão perante o domínio espanhol, podendo-se observar que a escolha dos próprios indígenas e seus elementos identitários e simbólicos buscavam a valorização dos lugares que continham resquícios da cultura Asteca.

Todos esses elementos representam uma negação ao domínio espanhol, sendo o repertório iconográfico e a arquitetura colonial símbolos da violência e expropriação dos povos nativos pré-colombianos pelos europeus.

Assim, há uma apropriação de memória em detrimento de outra. A memória hispânica que desde a época das conquistas tenta sufocar as majestosas realizações indígenas por uma outra memória, a Asteca, que agora emerge, em certos momentos, até casualmente, das entranhas da metrópole hispânica que um dia foi a imponente Tenochtitlán. Enchendo de orgulho a nova nação mexicana que surgia.

Surgia com uma identidade indígena, orgulhosa de sua história. Uma história que não é de uma colônia hispânica, mas sim de uma cultura majestosa. O índio como instrumento promotor de identidade.

Um objeto que pode ser considerado como um lugar de memória, um lugar que legitima esse orgulho identitário no processo de Independência é o calendário asteca, hoje uma das mais importantes peças do acervo do Museu Nacional de Antropologia e a mais visitada, encontrado casualmente por operários em 1790 na Praça do Zócalo, em uma obra de pavimentação e drenagem nas imediações do Palácio Nacional, símbolo da arquitetura colonial hispânica. Palácio esse que legitima mais uma vez a tentativa de sufocar a Tenochtitlán Asteca.

Uma das mais imponentes e significativas relíquias astecas é a Pedra do Sol, gravada com complexos relevos. Com espessura de 1,2 por 3,6 metros de diâmetro, pesa 24 toneladas. Encontrada em 1790 sob o solo da praça central da Cidade do México, ficou conhecida por Calendário Asteca, pois toda a sua superfície está coberta com os símbolos dos 20 dias do calendário asteca.

Além de medir o tempo, alguns estudiosos dizem que nos símbolos contidos na pedra, há uma contagem das eras já vividas e que estão por vir no mundo asteca. O calendário

legítima a negação da ideia que se tinha antes de 1810, consentimento antes do movimento de independência: observar os indígenas retratados como bárbaros, primitivos e incultos.

Segundo o relato de Alexandre Von Humboldt, naturalista europeu que veio à América em 1813, os astecas, que até então eram considerados como primitivos e ignorantes, na realidade eram muito evoluídos. Pode-se dizer, para, além disso, que era um povo com consciência histórica, já que tinham noção de tempo e eras, e era evoluído tecnologicamente, com domínios da escultura em pedras e astronomia.

Segundo Francisco José Caldas, uma civilização que teve a sua evolução barrada pela colonização espanhola:

“La degradación del indio has el punto en que vemos es obra del gobierno opresor que nos ha embrutecido por el espacio de tres siglos consecutivos. El indio era ommbre en Mexico, en el Peru y en la Cundinamarca; tenía artes, edificios, leyes, vivía en sociedad, conocia el arte de la guerra y conocia tambien su dignidad. Hoy, enbrutecido, no sabe sino temer a sus tiranos y satisfacer groseramente las más urgentes necesidades de la vida [...]” (CALDAS).

Porém, segundo dados de Hans-Joaquim König, o orgulho identitário habita apenas cerca de 15% a 20% da população mais pobre, que apesar de estarem cristianizados e não existir mais consciência de objeto teve ou não um significado sagrado, restava ainda nos objetos um sentido emocional. No calendário asteca se monumentalizaram e fizeram uma ponte entre a ruptura do passado asteca e os que são identificados como seus herdeiros.

Diferente dos sentidos que a elite Crioula Mexicana teve do movimento como principais idealizadores dessa apropriação do indígena em relação ao espanhol. O indígena foi colocado por essa elite, como referencial no processo de independência, da construção da identidade mexicana. Essa elite não pensava em reviver as tradições indígenas, mas sim apropriar-se dessa memória asteca para legitimar seus interesses e negar a dominação espanhola.

König diz, a respeito do processo de formação do México, uma vez que o processo de independência é também um momento em que o povo luta para livrar-se do domínio espanhol sendo o repertório iconográfico indígena usado como símbolo de liberdade:

Durante o movimento emancipador, somaram-se aos seus argumentos os trezentos anos de opressão dos indígenas, o que supõe que aprovavam a história e se valiam expressamente de seu destino para justificar a própria luta contra o poder colonial espanhol. O fizeram a fim de legitimar suas próprias pretensões de poder (...) mas com um ânimo maior por conta dos tópicos indígenas na construção do novo Estado Nacional. (KÖNIG).

Esse movimento, essa apropriação que a elite crioula fez da memória, do passado histórico asteca, não diz respeito à uma valorização de sua cultura, dos seus costumes. Podemos dizer, que essa exaltação era uma “tradição inventada”, como defende Eric Hobsbawm em seu livro *A invenção das Tradições*:

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM, 1984).

Essa definição nos mostra como se impulsionou o pensamento da elite crioula no processo de independência mexicana. Fazendo uma analogia, para esclarecer o que Hobsbawm disse, os costumes seriam as práticas, os rituais astecas; as tradições seriam os objetos, os pensamentos indígenas. A ‘tradição inventada’, tradição selecionada até mesmo com os lugares de memória, quando os objetos recebem um valor simbólico e material, colocando nas mentes mexicanas uma memória que não tinha mais meios para vir à tona, senão através dos lugares de memória. Portanto, o processo de valorização dos lugares da memória indígena em detrimento dos lugares da memória espanhola é um processo ritualizado e não uma tentativa de reviver os costumes astecas.

A Revolução Mexicana, em 1910, seria um segundo momento da inserção indígena na identidade do povo mexicano. Essa Revolução é de difícil definição, uma vez que, dentro desse processo, haviam dois movimentos: um comandado pelas elites, com o governo sufocante de Porfirio Diaz, reivindicando sua participação no poder do Estado, e outro, que, dentro desse contexto de disputa, lançava um projeto social, reivindicando a reforma agrária e outras políticas voltadas para as camadas mais pobres da população.

A ditadura de Diaz era atrelada ao capital estrangeiro, mais precisamente, aos Estados Unidos, que nesse contexto estavam avançando na hegemonia política e comerciais frente aos países latino-americanos. Foi nesse panorama que eclodiu a Revolução Mexicana e com ela a necessidade de se pensar novamente sobre uma identidade.

Essa nova perspectiva identitária, segue, assim como no processo de independência, caminhos diferentes no que diz respeito à elite e ao indígena. A elite, sufocada pelo

imperialismo norte americano, exercido por intermédio de Diaz, adota uma vertente identitária relacionada à valorização de uma cultura ibérica.

Gérson Ledezma afirma que: “começam a repensar a identidade, [...], associando – a ao hispânico e tentando valorizar o ibérico, através do mestiço e um sentimento americanista. ”

Percebe-se uma grande diferença entre a abordagem ideológica do referencial de identidade no processo de independência para o da Revolução. Uma identidade, uma cultura que antes foi rejeitada, agora é retomada e adaptada para legitimar outro processo,

O conceito de ‘tradição inventada’ cai muito bem nesse contexto, sobre esse processo de substituição de uma tradição que é mais viável por outro que se adequa mais à ideologia que se quer colocar em prática. Hobsbawm diz:

‘É preciso que se evite pensar que formas mais antigas de estrutura de comunidade e autoridade e, conseqüentemente as tradições a ela associadas, eram antigas e se tornam obsoletas; e também novas tradições surgiriam rapidamente por causa da incapacidade de utilizar ou adaptar as tradições velhas. Houve uma adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins.’ (HOBSBAWM, 1984).

Podemos concluir, através dessa citação, que a velha tradição (ibérica), antes incapaz de ser utilizada para fins da elite crioula, agora é retomada e adaptada aos novos fins, a nova construção identitária feita pela elite.

Na perspectiva dos lugares de memória observa-se uma suavização. Eles traziam, agora, em si também traços ibéricos. Houve uma junção de elementos indígenas e elementos ibéricos, justificando a nova ideia de identidade. Um exemplo é a monumentalização da Malinche uma mulher asteca que foi dada de presente aos espanhóis na época da colonização.

Do lado espanhol, ela contribuiu para a centralização dos objetos espanhóis. Os mexicanos pós independência geralmente desprezaram e acusaram Malinche, que se tornou a encarnação da traição dos valores autóctones da submissão servil à cultura e ao poder Europeu. Essa visão, foi suavizada no processo de construção dessa nova identidade. Alguns autores, como Todorov, consideravam Malinche como o primeiro exemplo da mestiçagem entre as culturas.

Dentro desses processos, dentro da ótica elitista, tanto no processo de independência quanto na Revolução, houve uma visão construída da identidade mexicana. Uma visão

construída e adaptada de acordo com os objetivos que se queria obter. Visão passada através da monumentalização dos objetos ligados à cultura asteca.

Os lugares de memória receberam significações diferentes nos dois períodos, um lugar que foi negado, sendo o símbolo da traição dos valores indígenas, pode no outro momento ser visto de forma diferente.

Nos dois períodos a construção da identidade mexicana foi colocada de pontos de vista totalmente contrários. Houve uma desvalorização, no processo de independência, de tudo relacionado ao ibérico, e uma valorização do indígena. Da memória indígena como sendo o fator legitimador da identidade mexicana. Os lugares de memória relacionados exclusivamente a memória indígena.

No movimento que culminou na Revolução Mexicana, houve uma tentativa de construção da identidade, baseada na apropriação da cultura ibérica. Postura esta, adotada frente ao avanço do imperialismo americano sobre os países latino-americanos, no caso do México, através do governo de Porfirio Diaz. Assim, percebe-se uma suavização dos lugares: o espanhol não mais o repudiado. São procuradas representações, lugares que contenham ícones, tanto indígenas, como ligados à cultura espanhola. A Malinche englobava totalmente essas características, no seu papel de interlocutora entre os astecas e os colonizadores, ela se ligava a essas duas visões. Legitimando a ideia, de primeiro exemplo de mestiçagem cultural, o que, na época da independência era impossível de se aceitar.

Percebe-se também, uma semelhança entre esses dois momentos. O indígena, nos dois casos, foi o referencial, mudando apenas a intensidade de participação na construção da identidade.

Do ponto de vista das camadas mais pobres da sociedade, e isso inclui os indígenas, que eram quem reconheciam ter verdadeiramente uma identidade indígena, houve uma linearidade nessa busca por uma identidade. Em ambos os períodos procurou-se um resgate de suas raízes étnicas, tendo pelos lugares um sentimento emocional.

Hoje, podemos notar resquícios dessa diferença entre o significado de identidade nacional para as classes mais altas, a elite e as classes mais baixas. A elite usa objetos, adereços indígenas, não porque se identifica como descendente da cultura indígena, mas sim porque é 'chique', representa a magnitude que teve a cultura indígena. Já a classe mais pobre define-se como herdeira dessa cultura. Para essa massa, por mais que o culto religioso aos lugares, a sua sacralidade tenha diminuído e em alguns casos, até mesmo se perdido, existe

nos lugares um significado emocional, um sentimento de pertencimento àquela cultura de tempos imemoráveis.

3.2. Museu Nacional de Antropologia do México como Espaço de Memória

Desde os primeiros anos, depois da conquista espanhola, freis, missionários, conquistadores, descendentes da nobreza indígena que haviam aprendido o alfabeto espanhol, começaram a escrever relatos de seus talentos, gramáticas e vocabulários nas diferentes línguas que se falava na Mesoamerica e as histórias de seus antepassados.

Até a metade do século XVI homens excepcionais coletaram mitos e nos antigos costumes e tradições e com eles formaram riquíssimos documentos de todo tipo que, até hoje, não foi superado.

O mais notável desses homens, foi o frei Bernardino de Sahagún, que compôs, com a ajuda de relatos de indígenas uma compilação de tal maneira, completa e abundante que faz de seu trabalho, um tratado de etnografia como nenhum outro conhecido.

Este vasto trabalho de estudo e de resgate, não teve somente fins eruditos. Para os espanhóis, eles ajudavam na necessidade de entender os povos vencidos e para os indígenas, representava o orgulho de relatar suas glórias passadas e ainda obter vantagens e favores do novo poder político.

Na colonização, os objetos materiais das culturas antigas, foram destruídos sem piedade. A cobiça pelo ouro, fez joias serem fundidas, a necessidade de acabar com a religião pagã e impor a cristã, fez templos e estatuas dos deuses serem destruídos.

Sobre a maior parte das cidades indígenas, foram construídas as novas habitações, no estilo europeu. Estas novas habitações, a ignorância e o desinteresse, cobriram os monumentos que haviam sido destruídos, mergulhando-os em uma letargia, que somente a arqueologia moderna pode resgatá-los.

Durante o século XVII e na primeira metade do século XVIII, mentes ilustres se interessaram em descobrir os objetos e documentos e averiguar o passado cada vez mais remoto. Foi no final do Vice-Reinado, quando um grupo notável de mexicanos começaram a dar a estes documentos e aos poucos objetos resgatados a devida importância histórica que mereciam.

As novas ideias da Ilustração, movimento que impulsionou Carlos III a determinar uma missão arqueológica no México, levaram estudiosos a se dedicarem aos estudos dos artefatos encontrados.

Em 1790, durante escavações de pavimentação da Praça Mayor ou Praça do Zócalo, descobriu-se três monolitos, hoje em exposição no Museu, a Pedra do Sol, Coatlicue e o Monumento das vitórias de Tizoc, o que fez com que os estudiosos e o governo começassem a prestar mais atenção na questão arqueológica do país.

O primeiro arqueólogo mexicano, Antonio de León y Gama, publicou uma obra sobre dois desses monolitos, e, ao contrário do que antes acontecia, essas pedras foram preservadas, ou invés de serem destruídas.

Este é o princípio do Museu de Antropologia. Sua forma legal foi tomada em 1825, sob a instância de Lucas Alamán. Pouco a pouco, embora sem data e dados confiáveis de procedência, foram acumulando-se mais e mais objetos, em um salão da Pontifícia Universidade Real. Essa primeira tentativa, nos mostra, embora se trate de um amontoamento, a preocupação em preservar esses artefatos. Em cinco de dezembro de 1865, Maximiliano cede o palácio da Casa da Moeda, para abrigar os objetos.

Era então um museu geral, que compreendia não só os objetos indígenas, pré-hispânicos, como também materiais da história do México, assim como diversas coleções de ciências naturais. Em 1940, depois de uma rigorosa seleção, o museu destinou-se unicamente às coleções de antropologia. Com o interesse que despertava essas questões, a chegada de novas peças – devido às grandes explorações realizadas – e o avanço considerável dos estudos, o velho palácio se tornou insuficiente.

Nas últimas décadas, o México progrediu de forma surpreendente, não só no material, que compreendeu honrosamente, como também na consciência do peso que representa ser herdeiro de uma das maiores civilizações pré-colombianas, fazendo a sua cultura mesclar com a dos seus antepassados, sobre isso, diz Bernal: “sabe que tan imposible es renegar de su padre como de su madre y que su destino está precisamente em afirmar y elevar cada día su civilización mestiza.” (BERNAL, 1979)

Profunda tem sido a preocupação do museu, não só para a boa exibição das peças, como para fazer todo o possível para que o visitante passe o tempo nas salas de forma positiva.

Trata-se de um museu de história, e não de arte, mas o fato de que muitos objetos são verdadeiras obras de arte antiga, é uma adição pertinente à mensagem principal: conhecer e entender o significado do México indígena e relaciona-lo com a identidade da nação.

Para atingir esses objetivos de uma forma válida, era indispensável apresentar as coleções em uma ordem clara e logica, não com os objetos soltos e sim como vestígios de

uma cultura. Assim, depois da sala de introdução, que dá ao visitante uma ideia geral do que é e do que faz a antropologia, colocou-se a sala Mesoamérica, que une as diversas culturas mostrando que todas formam uma só civilização. Os estilos regionais ou de diferentes épocas apresentados nas salas tendem a sugerir que cada um é isolado, já que precisamente são suas diferenças o que os caracteriza; porém só são inteligíveis se se entende que todos são partes de um mundo comum e que um fundo semelhante é muito mais importante que as diferenças de forma.

As demais salas da ala norte mostram a sequência das culturas da região central do México, desde as suas origens, até o mundo asteca, através das grandes etapas pré – clássicas, teotihuacana e tolteca. A ala sul é dedicada, também de forma cronológica, as culturas locais de Veracruz, Oaxaca, Maya, Norte e Ocidental. Assim o visitante pode passear não somente através da República, como também ao longo do tempo e suscitar uma época determinada.

O museu está situado no Bosque de Chapultepec, no Paseo de la Reforma e ocupa uma área de quase 125.000 m². Além das vantagens práticas e estéticas que sua localização oferece, o lugar parece particularmente apropriado, uma vez que Chapultepec está cheio de recordações históricas e foi o primeiro lugar do vale onde se fixaram os astecas no final de sua peregrinação.

O edifício tem 44.000 m² cobertos e 35.700 m² de áreas descobertas que incluem tanto o pátio central como a grande praça de acesso e alguns pátios fundidos ao seu redor. Grandes áreas verdes o separam das ruas adjacentes; passando pela praça de acesso, se chega a um grande vestíbulo que tem, em seu centro, uma área levantada, sob a qual está a Sala de Resumen com uma arquibancada de onde pode ser ver um espetáculo de luz e som e uma série de maquetes e fotografias que aparecem e desaparecem sucessivamente. Ilustrando um texto narrado.

Ao lado direito do vestíbulo está uma grande sala dedicada às exposições de curta duração, e um auditório para cerca de quatrocentas pessoas. Ao lado esquerdo tem-se a loja, o guarda-volumes e outros serviços e, atrás, as Oficinas Generales. Acima está a biblioteca que tem uma grande sala de leitura, um arquivo histórico, o departamento de códices e o arquivo de microfilmes. As salas de antropologia e arqueologia do museu, ordenadas são:

Introducción a la antropología

Poblamiento de América

Preclásico en el Altiplano Central

Teotihuacán

Los Toltecas y su época
Mexica
Culturas de Oaxaca
Culturas de la Costa del Golfo
Maya
Culturas de Occidente
Culturas del Norte

3.3. A Sala Mexica e a comunicação expográfica

Esta sala está situada na frente do grande pátio do Museu, é a maior sala e foi projetada para ressaltar a cultura dos astecas. A sala se inicia com três peças da cultura asteca: o Ocelucuauhxicalli, uma escultura em forma de jaguar, dentro da qual se depositavam os corações dos sacrificados; uma cabeça do Caballero Aquila, simbolizando as ordens militares e o Teocalli de la Guerra Sagrada, ato instituído para a obtenção de vítimas para os sacrifícios. Essas são peças representativas do caráter da sociedade asteca.

Na continuação, mostram-se os antecedentes dos astecas, especialmente o estabelecimento dos chichimecas de Xólotl em Tenayuca, onde se deu o início do estilo arquitetônico que foi adotado pelos mexicas. Na Tira de la Peregrinación, são relatados os lugares da migração asteca, desde a sua saída de Aztlán até chegar a Chapultepec.

No processo de comunicação museológica, a discussão sobre a expografia remete-nos ao Comitê de Museologia do ICOM (ICOFOM), que, em 1980, Stránsky, propõe:

[...] uma abordagem específica do homem frente à realidade, cuja expressão é o fato de que ele seleciona alguns objetos originais da realidade, insere-os numa nova realidade para que sejam preservados, a despeito do caráter mutável inerente a todo objeto e da sua inevitável decadência, e faz uso deles de uma maneira, de acordo com suas próprias necessidades (STRÁNSKY apud MENSCH, 1994: 12)

Peter van Mensch (1994), entende a museologia como uma forma de abordar a relação do homem com a realidade, em que os objetos são inseridos em uma realidade de modo a serem preservados, independente de seu caráter de alteração natural.

Nesse mesmo ponto de vista, Waldisa Russio Camargo Guarnieri, afirma que durante muito tempo prevaleceu uma visão transmissiva da comunicação de emissão/recepção, colocando maior peso no poder do emissor e ao receptor mera observado. Em seu entender a comunicação museológica deve ter a comunicação como parte integrante da cultura.

Para Cury (2004) o discurso de uma exposição perpassa pelos modelos expositivos e educacionais. Os modelos expositivos, que são dois, consistem em: 1) exposição de objetos em vitrines, selecionados a partir de critérios do curador. Nesse modelo a participação do público é restrita, apesar das estatísticas, porque a exposição não é inteligível e, pior, não respeita o gosto e os valores do público. A ação educativa consiste em monitores tentando de todas as formas comunicar o que a exposição não consegue; 2) exposição em que o público participa porque há uma compreensão do que está sendo exposto. Nesse caso, os discursos expositivo e educativo, são estabelecidos a partir de questões como sobre "o quê" e "por quê" de modo que o público entenda o que está sendo comunicado. Conforme Cury (2004).

Vivenciar uma experiência expográfica-educativa-performativa é uma participação criativa que, por suas qualidades, não podem ser analisados pela sua racionalidade e sim por critérios de criatividade e eficácia. Quanto à análise da experiência, essa é uma importante discussão que envolvem as posturas hegemônicas de avaliação museológica que ficará para outro momento. A idéia que quero defender é que os modelos expositivo e educativo devem mudar. Com isso devemos renovar e/ou amadurecer as nossas concepções e metodologias de trabalho. Precisamos assumir uma atitude participativa e também criativa e, o que para mim parece fundamental, derrubar os limites artificiais entre expografia e educação em museu que (tentam) fragmentar a experiência do público e equipes. Não quero com isso destruir as conquistas desses dois campos – expografia e educação – e sim promover a comunicação museológica face a qualidade de experiência do público que todos nós almejamos. São duas faces de uma mesma moeda.(CURY, 2004).

A comunicação museológica deve se valer da comunicação cultural por meio de seus objetos identificando o homem e a sociedade presentes na matéria, na sua forma de produção e representação.

Desse modo, a Sala Mexica, apresenta não só os objetos mas também o povo que após muitas lutas conquistaram a cidade de Aztlán. A conquista desse povo passa pela cosmologia o que permitiu não só a obtenção de terras, mas bens como pedras verdes, metais, cacau, algodão, animais, além da tecnologia desenvolvida na construção de edifícios monumentais.

Assim, os objetos da Sala apresentam todos os aspectos que foram necessários na construção da identidade do povo mexicano, e o visitante nesse percurso compreende não só

a beleza dos objetos como também toda a representação de sua forma de viver e relacionar com o mundo. O visitante sente não só identificação com o que está sendo apresentado, como também valorizado, pois a história que conta ali é a história de seus antepassados. A comunicação museológica nesse sentido consegue atingir o seu intento, pois ela agrega os valores da cultura dos astecas que foi fundamental na constituição da identidade do povo mexicano. O MNAM é um espaço de memória e a Sala Mexica reflete a complexidade da cultura e da história e dos símbolos que representam a sociedade mexicana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do que foi exposto nesse trabalho, pudemos perceber que a questão da Identidade Mexicana é algo que foi apreendida durante as décadas e revoltas que ocorreram no país.

O processo de incorporação da identidade asteca perpassou por vários contextos e foi apreendida de maneira oportuna durante esses movimentos.

Pudemos perceber também, que a Sala Mexica é um importante local para a preservação e para o resgate da cultura asteca, bem como para representar o povo mexicano. A museologia social mexicana optou ou se especializou na forte questão identitária do país. Os lugares de memória foram utilizados na construção dessa identidade, os símbolos e elementos da cultura asteca foram elevados e assim, o sentimento de pertencimento dos mexicanos tornou-se algo palpável, sendo a cultura asteca, seu passado e sua história, motivos de orgulho para as gerações posteriores da nação mexicana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNAL, Ignacio. *Origen Y Formacion del Museo*. In: Museo Nacional de Antropologia de Mexico. Daimon, 1979, pág. 7-11. Mexico.

CÁCERES, Florival *História da América*. São Paulo, Moderna. 1992

CALDAS, Francisco José, em nota do segundo extrato do quadro físico das regiões equatoriais de Alexander Von Humboldt, memoria 9 do terceiro ano de edição do seminário.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1990), Conceito de cultura e sua interrelação com o patrimônio cultural e a preservação. Cadernos Museológicos. Rio de Janeiro: IBPC, n. 3, p. 7-12, 1990.

HOBBSAWN, E. J.; RANGER. T.O. *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KÖNIG, Hans-Joaquim. *En el camino se hacia la Nacion. Nacionalismo en el proceso de Formacion del estado y de la Nacion de la Nueva Granada, 1750-1856*

LEDEZMA, Gerson Galo. *Chile en el primer centenário de la independência en 1910: identidad y crisis moral*. In: Revista historia y espacio. Universidad del Valle.

MENSCH, Peter van (1994), O objeto de estudo da Museologia. Tradução de Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO, 22 p. (Prétextos Museológicos,1).

MORALES MORENO, Luis Gerardo. *Presentación*, In: Cuicuilco, Nueva Época, vol. 3, n 7, maio/agosto, 1996, pág. 5-9. México.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Khoury. In: Projeto História. São Paulo: Brasil, 1993.

PÉREZ RUIZ, Maya Lorena. *La Museología participativa: ¿tercera vertiente de la museologia mexicana?* In: Cuicuilco, Nueva Época, n 44, setembro-dezembro, 2008, pág. 87-110. México

ROMANO, Arturo. *Introducción*. In: Enciclopédia dos Museus – Museu Nacional de Antropologia do México. Arnoldo Mondadori Editore, 1970, pág.9-16, Milão.

SARAIVA, Gislene Bernardo e CARVALHO, Núbia Agostinha. *Imagens dos Deuses e Deusas Astecas*. In: *Ameríndia*, n 5 vol.1. 2008.

SOUSTELLE, Jacques. *A civilização Asteca*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro 1983

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes. 1993